

**SOUSA GALITO, Maria (2003). Geopolítica da Urbe – Cidades Globais. CI-CPRI, Artigos, A2003-4, pp. 1-2.**

**CI-CPRI**



## *Geopolítica da Urbe – Cidades Globais*

Nenhuma cidade portuguesa, nem mesmo a capital de Portugal, ocupa posição entre as dez principais cidades europeias – ditas *globais*. Nem entrou no pelotão das 20 *cidades globais* do mundo.

Em 2003, Lisboa era 42º nas tabelas publicadas pelo estudo divulgado por Peter Taylor, co-director da *Globalization and World Cities Study Group and Network (GaWC)*. Se não desenvolver *funções transnacionais* a fim de dinamizar a sua postura global, as expectativas da antiga *Olissipo* enfraquecem. O que seria particularmente imperdoável, atendendo ao seu potencial de **ponte** entre espaços geopolíticos e geo-económicos.

«(...) Lisboa parece não ter potenciado os investimentos e eventos da Expo-98 como Barcelona fez com os Jogos Olímpicos de 1992 e tem sofrido a perda de peso na localização ibérica por parte dos centros de decisão de negócios internacionais (que têm optado por Madrid). Mas Kelly encontra como “**pontes fortes**” de Lisboa a sua localização estratégica no Atlântico em direcção a vários espaços do planeta, a sua tradição “mercantil”, aberta ao mundo, a atracção turística (o que ele designa por charme de Lisboa), e os custos baixos do mercado de trabalho»<sup>1</sup>.

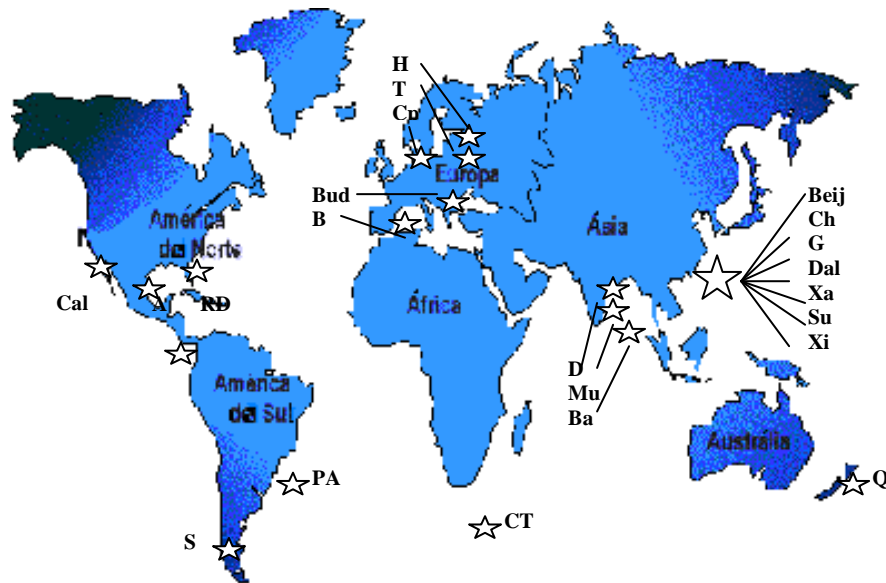
Londres lidera a corrida, em todos os indicadores – globalização, finança, meios-de-comunicação e I&D – pelo lugar privilegiado que ocupa nas redes mundiais de serviços avançados às economias, de activos de conhecimentos ou de fluxos de passageiros de avião. A perseguir a capital Britânica temos, respectivamente, Paris (França), Milão (Itália), Madrid (Espanha), Amsterdão (Holanda) e Frankfurt (Alemanha).

Na Europa da década de 90, as principais revelações foram Dublin (Irlanda), Barcelona (Espanha), Praga (República Checa) e Varsóvia (Polónia).

Para a primeira década do século XXI, a expectativa gera-se em torno da emergência de outras *cidades europeias globais*, tais como Tallin (Estónia) ou Budapeste (Hungria). Para além de Helsínquia (Finlândia) ou Copenhaga (Dinamarca), por exemplo. Ver Ilustração 1:

---

<sup>1</sup> Nascimento Rodrigues, José (2003), “Portugal não tem cidades ‘globais’”, *Expresso*, 02/08.



**Ilustração 1: Cidades Globais em fase de crescimento para na primeira década do século XXI – H (Helsínquia), T (Tallin), Cp (Copenhaga), Bud (Budapeste), B (Barcelona), Cal (Calgary), A (Austin), RD (Raleigh-Durham), PA (Porto Alegre), S (Santiago do Chile), CT (Cape Town), Q (SE Queensland), D (Deli), Mu (Mumbai), Ba (Bangalore), Beij (Beijing), Ch (Chongqing) , G (Guangzhou), Dal (Dalian), Xa (Xangai), Su (Suzhou) e Xi (Xian).**

No âmbito económico, as grandes cidades em crescimento poderão ser Beijing, Deli, Guangzhou/Shenzhen, Mumbai, Santiago do Chile e Xangai.

No âmbito tecnológico destacam-se cidades abonadas em tecnologia (tais como Austin, Helsínquia e Raleigh-Durham). Ou em fase de crescimento tecnológico, tais como Budapeste, Bangalore, Dalian, São José, Suzhou e Tallin.

No âmbito ambiental a opção pode recair pelas novidades conferidas por cidades como Barcelona, Cape Town, SE Queensland. Ou com ambiente urbano sustentável, tais como Calgary, Copenhaga e Porto Alegre.

Prevê-se que a maratona entre cidades se intensificará na próxima década, na tentativa de atrair mais IDE, empresas multinacionais e mão-de-obra qualificada.

*Cidades globais*, com longa tradição de reunir consensos pelo seu tamanho, riqueza e centralidade, passarão a sentir a pressão crescente de *cidades globais* emergentes, capazes de oferecer uma gama cultural estimulante, bem-estar elevado, dinâmica urbana, variedade e sustentabilidade social e ambiental.